

13 Esse nome significa “fortuna da fé, o afortunado”.

14 Como as palavras “demônio” ou “diabo” não dão conta do sentido, optou-se por uma transcrição aproximada do termo árabe *‘ifrit*, já verificado no Alcorão (27, 39), e que indica criatura sobre-humana e maligna. Em outros manuscritos usa-se *jinnī* (de hábito traduzido como “gênio”, como se fez adiante) ou *mārid*, que são semanticamente próximos.

Eu sou Sa<sup>c</sup>duddīn Mas<sup>c</sup>ūd!”.<sup>13</sup> Então a mulher riu e se deitou de costas, e o escravo se lançou sobre ela e nela se satisfez, bem como os outros escravos. Em seguida, os escravos levantaram-se, lavaram-se, vestiram os trajes femininos que estavam usando e se misturaram às moças, entrando todos no palácio e fechando a porta. Quanto a Mas<sup>c</sup>ūd, ele pulou o muro, caiu na estrada e tomou seu rumo.

*Disse o autor:* em seguida, ambos desceram do palácio. Ao ver o que sua esposa e criadas lhe faziam, o sultão Šāhriyār ficou transtornado e disse: “Ninguém está a salvo neste mundo. Isso ocorre dentro de meu palácio, dentro de meu reino. Maldito mundo, maldita fortuna. Essa é uma terrível catástrofe”. E, voltando-se para o irmão, disse: “Você me acompanha no que eu vou fazer agora?”. O irmão respondeu: “Sim”. Šāhriyār disse: “Vamos abandonar nosso reino e perambular em amor a Deus altíssimo. Vamos desaparecer daqui. Se por acaso encontrarmos alguém cuja desgraça seja pior do que a nossa, voltaremos; caso contrário, continuaremos vagando pelo mundo, sem necessidade alguma de poder”. Disse Šāhzamān: “Esse é um excelente parecer. Eu vou acompanhar você”.

#### O GÊNIO E A JOVEM SEQÜESTRADA

*Disse o copista:* ato contínuo, ambos desceram pela porta secreta do palácio e, saindo por outro caminho, puseram-se em viagem. E viajando continuaram até o anoitecer, quando então dormiram abraçados a suas aflições e dores. Mal amanheceu, retomaram a caminhada, logo chegando a um prado repleto de plantas e árvores na orla do mar salgado. Ali começaram a discutir sobre suas respectivas desditas e o que lhes sucedera. Enquanto estavam nisso, eis que um grito, um brado violentíssimo, saiu do meio do mar. Tremendo de medo, eles supuseram que os céus se fechavam sobre a terra. Então o mar se fendeu, dele saindo uma coluna negra que não parava de crescer até que alcançou o topo do céu. Tamanho foi o medo dos dois irmãos que eles fugiram e subiram numa árvore gigante na qual se instalaram, ocultando-se entre as suas folhagens. Dali, espicharam o olhar para a coluna negra que, flando pela água, fazia o mar fender-se e avançava em direção àquele prado verdejante. Assim que botou os pés na terra, ambos puderam vê-lo bem: tratava-se de um *ifrit*<sup>14</sup> preto, que carregava à cabeça um grande baú de vidro com quatro cadeados de aço. Ao sair

do mar, o *ifrit* caminhou pelo prado e foi instalar-se justamente debaixo da árvore em que os dois reis estavam escondidos. Depois de se sentar debaixo da árvore, ele depositou o baú no solo, sacou quatro chaves com as quais abriu os cadeados e dali retirou uma mulher de compleição perfeita, bela jovem de membros gentis, um doce sorriso no rosto de lua cheia. Retirou-a do baú, colocou-a debaixo da árvore, contemplou-a e disse: “Ó senhora de todas as mulheres livres,<sup>15</sup> a quem seqüestrei na noite de seu casamento, eu gostaria agora de dormir um pouco”. Ato contínuo, o *ifrit* depositou a cabeça no colo da jovem e estendeu as pernas, que chegaram até o mar. E, mergulhando no sono, pôs-se a roncar. A jovem ergueu a cabeça para a árvore e, voltando casualmente o olhar, avistou os reis Šāhriyār e Šāhzamān. Então ergueu a cabeça do *ifrit* de seu colo, depositou-a no chão, levantou-se, foi até debaixo da árvore e sinalizou-lhes com as mãos: “Desçam devagarzinho até mim”. Percebendo que haviam sido vistos, eles ficaram temerosos e suplicaram, humildes, em nome daquele que erguera os céus, que ela os poupasse de descer. A jovem disse: “É absolutamente imperioso que vocês desçam até aqui”. Eles lhe disseram por meio de sinais: “Mas isso aí que está deitado é inimigo do gênero humano. Por Deus, deixe-nos em paz”. Ela disse: “É absolutamente imperioso que vocês desçam. Se acaso não o fizerem, eu acordarei o *ifrit* e lhe pedirei que os mate”, e continuou fazendo-lhes sinais e insistindo até que eles desceram lentamente da árvore, colocando-se afinal diante dela, que se deitou de costas, ergueu as pernas e disse: “Vamos, comecem a copular e me satisfaçam, senão eu vou acordar o *ifrit* para que ele mate vocês”. Eles disseram: “Pelo amor de Deus, minha senhora, não faça assim. Nós agora estamos com muito medo desse *ifrit*, estamos apavorados. Poupe-nos disso”. A jovem respondeu: “É absolutamente imperioso”, e insistiu e jurou: “Por Deus que ergueu os céus, se vocês não fizerem o que estou mandando, eu acordarei meu marido *ifrit* e mandarei que mate vocês e os afunde nesse mar”.<sup>16</sup> E tanto insistiu que eles não tiveram como divergir: ambos copularam com ela, primeiro o mais velho, e em seguida o mais jovem. Quando terminaram e saíram de cima dela, a jovem disse: “Dêem-me seus anéis”, e puxou, do meio de suas roupas, um pequeno saco. Abrindo-o, sacudiu seu conteúdo no chão, e dele saíram noventa e oito anéis de diferentes cores e modelos. Ela perguntou: “Por acaso vocês sabem o que

15 No original, *yā sayyidat alḥarāʾir*. Podia indicar também uma espécie de concubina. A palavra *ḥarāʾir* é plural tanto de *ḥurra* [“mulher liberta”] como de *ḥarīr* [“seda”], o que provocou a tradução equivocada “senhora das sedas”, perpetrada por Mardrus. À margem do manuscrito “Arabe 3609”, Galland anotou, em latim, *ingenua*.

16 Boa parte do diálogo, se não todo ele, se dá por meio de sinais, numa pantomima que confere comicidade à narrativa.

17 Alcorão, 12, 28.

são estes anéis?”. Responderam: “Não”. Ela disse: “Todos os donos desses anéis me possuíram, e de cada um eu tomei o anel. E como vocês também me possuíram, dêem-me seus anéis para que eu os junte a estes outros e complete cem anéis; assim, cem homens terão me descoberto bem no meio dos cornos desse *ifrit* nojento e chifrudo, que me prendeu nesse baú, me trançou com quatro cadeados e me fez morar no meio desse mar agitado e de ondas revoltas, pretendendo que eu fosse, ao mesmo tempo, uma mulher liberta e vigiada. Mas ele não sabe que o destino não pode ser evitado nem nada pode impedi-lo, nem que, quando a mulher deseja alguma coisa, ninguém pode impedi-la”. Ao ouvir as palavras da jovem, os reis Šāhriyār e Šāhzamān ficaram sumamente assombrados e, curvados de espanto, disseram: “Deus, ó Deus, não existe poderio nem força senão em Deus altíssimo e grandioso! ‘De fato, vossas artimanhas são terríveis’.”<sup>17</sup> Retiraram os anéis e os entregaram à jovem, que os recolheu e guardou no saco, indo em seguida sentar-se junto ao *ifrit*, cuja cabeça ergueu e recolocou no colo, conforme estava antes. Depois, fez-lhes sinais: “Tomem seu caminho senão eu acordo o *ifrit*”.

*Disse o autor:* então eles fizeram meia-volta e se puseram em marcha. Voltando-se para o irmão, Šāhriyār disse: “Ó meu irmão Šāhzamān, veja só essa desgraça: por Deus, é muito pior do que a nossa. Esse aí é um gênio que seqüestrou a jovem na noite de seu noivado, e a trancafiou num baú de vidro com quatro cadeados, e a fez morar no meio do mar alegando que assim a preservaria do juízo e decreto divinos. Mas você viu que ela já tinha sido possuída por noventa e oito homens, e que eu e você completamos os cem. Vamos retornar, mano, para nossos reinos e cidades. Não voltaremos a tomar em casamento mulher alguma. Aliás, de minha parte, eu vou lhe mostrar o que farei”.

*Disse o autor:* então eles apressaram o passo no caminho. E não deixaram de marchar mesmo durante a noite, chegando, na manhã do terceiro dia, até onde estavam acampadas as tropas. Adentraram o pavilhão e se sentaram no trono. Secretários, delegados, nobres e vizires foram ter com o rei Šāhriyār, que estabeleceu proibições, distribuiu ordens, fez concessões, deu presentes e dádivas. Depois, determinou que se entrasse na cidade, e todos entraram. Ele subiu ao palácio e deu a seu vizir-mor – pai das já mencionadas jovens Dīnārzād e Šahrzād – a seguinte

ordem: “Pegue a minha mulher e mate-a”, e, entrando no aposento dela, amarrou-a e entregou ao vizir, que saiu levando-a consigo e a matou. Depois, o rei Šāhriyār desembainhou a espada e, entrando nos aposentos de seu palácio, matou todas as criadas, trocando-as por outras. E tomou a resolução de não se manter casado senão uma única noite: ao amanhecer, mataria a mulher a fim de manter-se a salvo de sua perversidade e perfídia; disse: “Não existe sobre a face da Terra uma única mulher liberta”. E, equipando o irmão Šāhzamān, enviou-o de volta para sua terra carregando presentes, jóias, dinheiro e outras coisas. Šāhzamān despediu-se e tomou o rumo de seu país.

*Disse o autor:* o rei Šāhriyār instalou-se no trono e ordenou a seu vizir – o pai das duas jovens – que lhe providenciasse casamento com alguma filha de nobres, e o vizir assim o fez. Šāhriyār possuiu-a e nela satisfez seu apetite. Quando raiou a manhã, ordenou ao vizir que a matasse. Depois, naquela própria noite, casou-se com outra moça, filha de um de seus chefes militares. Possuiu-a e, ao amanhecer, ordenou ao vizir que a matasse, e este, não podendo desobedecer, matou-a. Depois, na terceira noite, casou-se com a filha de um dos mercadores da cidade. Dormiu com ela até o amanhecer e depois ordenou ao vizir que a matasse, e ele a matou.

*Disse o narrador:* e o rei Šāhriyār continuou a se casar a cada noite com uma jovem filha de mercadores ou de gente do vulgo – com ela ficando uma só noite e em seguida mandando matá-la ao amanhecer – até que as jovens escassearam, as mães choraram, as mulheres se irritaram e os pais e as mães começaram a rogar pragas contra o rei, queixando-se ao criador dos céus e implorando ajuda àquele que ouve as vozes e atende às preces.<sup>18</sup>

*Disse o copista:* o vizir encarregado de matar as moças tinha uma filha chamada Šahrāzād, mais velha, e outra chamada Dīnār-zād, mais nova. Šahrāzād, a mais velha, tinha lido livros de compilações, de sabedoria e de medicina; decorara poesias e consultara as crônicas históricas; conhecia tanto os dizeres de toda gente como as palavras dos sábios e dos reis. Conhecedora das coisas, inteligente, sábia e cultivada, tinha lido e entendido.

*Disse o autor:* certo dia, Šahrāzād disse ao pai: “Eu vou lhe revelar, papai, o que me anda oculto pela mente”. Ele perguntou: “E o que é?”. Ela respondeu: “Eu gostaria que você me casasse com o rei Šāhriyār. Ou me converto em um motivo para a salvação das pessoas ou morro e me acabo, tornando-me

18 Ao contrário das versões do ramo egípcio, que falam, quase todas, em três anos, aqui não se especifica o tempo que durou a matança. Veja o Anexo I.

19 Os trechos entre aspas simples têm rima e são ditados populares em árabe.

igual a quem morreu e acabou”. Ao ouvir as palavras da filha, o vizir se encolerizou e disse: “Sua desajuizada! Será que você não sabe que o rei Šāhriyār jurou que não passaria com nenhuma moça senão uma só noite, matando-a ao amanhecer? Se eu consentir nisso, ele vai passar apenas uma noite com você, e logo que amanhecer ele vai me ordenar que a mate, e eu terei de matá-la, pois não posso discordar dele”. Ela disse: “É absolutamente imperioso, papai, que você me dê em casamento a ele; deixe que ele me mate”. Disse o vizir: “E o que está levando você a colocar sua vida assim em risco?”. Ela disse: “É absolutamente imperioso, papai, que você me dê a ele em casamento: uma só palavra e uma ação resoluto”. Então o vizir se encolerizou e disse: “Filhinha, ‘Quem não sabe lidar com as coisas incide no que é vedado’, ‘Quem não mede as conseqüências não tem o destino como amigo’. E, como se diz num provérbio corrente, ‘Eu estava tranqüilo e sossegado mas a minha curiosidade me deixou ferrado’.<sup>19</sup> Eu temo que lhe suceda o mesmo que sucedeu ao burro e ao boi da parte do lavrador”. Ela perguntou: “E o que sucedeu, papai, ao burro e ao boi da parte do lavrador?”. Ele disse:

#### O BURRO, O BOI, O MERCADOR E SUA ESPOSA

Saiba que certo mercador próspero tinha muito dinheiro, homens, animais de carga, e camelos; também tinha esposa e filhos pequenos e crescidos. Vivia no interior, inteiramente dedicado à lavoura, e conhecia a linguagem dos quadrúpedes e demais animais; no entanto, se ele revelasse tal segredo a alguém, morreria. Ele sabia, portanto, a linguagem de todas as espécies de animais, mas não dizia nada a ninguém por medo de morrer. Em sua fazenda viviam um boi e um burro, e ambos ficavam próximos um do outro, amarrados ao pesebre. Certo dia, o mercador sentou-se, com a esposa ao lado e os filhos pequenos brincando diante de si, e olhou para o boi e o burro. Ouviu o boi dizendo ao burro: “Muitas congratulações para você, mano esperto, pelo conforto e pelos serviços de escovação e limpeza que recebe. Você tem quem cuide de si; só o alimentam com cevada escolhida e água fresca e limpa. Quanto a mim, pegam-me no meio da noite para lavar e colocam no meu cangote uns utensílios chamados canga e arado; trabalho o dia inteiro, escavando a terra e sendo obrigado a tarefas insuportáveis; sofro com as surras do lavrador e com o relho; meus flan-